Filosofia da Religião

Sua relação com a moral, e sua missão social.

Circunscrito pelo mundo, o homem em torno de si volveu os olhos, e viu esta série de causas finitas, e através destas formas, que de contínuo se sucedem como ondas do mar, desta cadeia não interrompida de efeitos, que não bastam para dar a razão de sua existência, o homem pela simples força de sua inteligência necessariamente devia entrever¹ que, em oposição ao finito, alguma coisa infinita existia; ideias estas correlativas, que mutuamente se despertam; e se na ordem cronológica o finito primeiro impressiona os sentidos, na ordem lógica o infinito o supõe, e nem a ideia daquele se compreende sem a deste; e por esta força, que caracteriza a humana inteligência, ei-la sobre até a causa última, que única satisfaz sua curiosidade, além da qual nada se pode conceber. Assim adquire o homem a ideia de Deus. Se a inteligência, diz Herder, é o mais nobre presente feito ao homem, a ela pertence traçar a conexão, que entre a causa e o efeito existe, e mesmo adivinhá-la, quando não se patenteia.

Refletindo o homem sobre si mesmo, viu-se mutável e sujeito a um crescimento, e a modificações, que mau grado seu se operam; e concentrando-se em sua consciência não lhe foi possível duvidar, que a forma exterior sujeita às alternativas do tempo, ocultava uma substância mais permanente e dela distinta; a esta substância referiu ele o seu - *Eu*. A dualidade foi ainda mais manifesta pela luta das duas naturezas; e o conhecimento do que em si se passava confirmou-lhe a ideia do que fora de si descobrira.

¹ *Idéias sobre a Philosophia da Humanidade*; por Herder, Tom. 1º, pag. 238

A sua força interna chamou ele - *alma*, e a força do universo denominou - *Deus*.

E como sobre um mais vasto teatro obrasse esta força, do qual apenas o homem é uma pequenina parte, foi ela reconhecida como absolutamente criadora de tudo, causa necessária e conservadora.

Desde logo entre a alma e Deus se estabeleceu uma relação toda especial. O homem assim erguido a seu Deus, a ele sua existência devendo, dele dependendo para sua conservação, e aperfeiçoamento, como poderia sufocar os transportes de sua admiração, e de seu reconhecimento, vendo-se colocado no mais sublime grau dos seres criados, e dotado de uma força espiritual, que o alçava acima do mundo físico, e o comunicava até ao princípio de tudo? Como não humilhar sua limitada inteligência diante da infinita inteligência do universo? Eis a religião natural na sua forma mais simples.

Mas ficou porventura o homem no estado da natureza? Podia ele contentar-se com esta contemplação vaga e parar neste êxtase estéril? Não. Esta percepção como um relâmpago misterioso através do mundo podia extinguir-se; tudo tende a extinguir-se no mundo, tudo, até nossa lembrança, se a não perpetuarmos por meio dos monumentos. As belezas da natureza, as necessidades humanas, e todas as circunstâncias da vida podiam desviar o homem desta fonte luminosa, deste ser invisível, que ele desejava perpetuar, e ter sempre presente à sua inteligência, como aos seus sentidos. Convinha dar-lhe uma forma; a forma é a condição necessária para a existência física. Que faz o homem? Além do mundo conhecido ele cria um mundo para seu Deus, onde ele exista distinto de tudo; e neste mundo ele cria uma forma material, que o represente, e o manifeste continuamente aos seus sentidos. Tendo assim fixado sua ideia, fazendo-a sensível, e, por assim me explicar materializando-a;

não podendo ela escapar nem à sua inteligência, nem a seus sentidos, o instinto vago que a Deus o elevava, se converte em culto, adquire permanência, e nada haverá capaz de o destruir. Eis a realização do instinto religioso. O culto, diz M. Cousin²¹ é para a religião natural o que a arte é para a beleza natural, o que é o Estado para a sociedade primitiva, o que para o mundo da natureza é o mundo da indústria. O triunfo da instituição religiosa está na criação do culto, como na criação da arte está o triunfo da ideia da beleza, como o da ideia da justiça está na criação do Estado. O culto é infinitamente superior ao mundo ordinário, 1º Por que o seu destino é o de lembrar Deus ao homem; enquanto que a natureza exterior além da sua relação com Deus, tem outras, que distraem sem cessar o homem desta vista. 2º Por que é ele infinitamente mais claro, como representante das coisas divinas. 3º Por ser permanente; enquanto que a cada instante á nossa móvel vista o caráter divino do mundo se enfraquece, e de todo se eclipsa. O culto, por sua especialidade, e clareza por sua permanência, chama o homem a Deus mil vezes melhor, que o pode fazer o mundo. É uma vitória sobre a vida vulgar ainda mais alta que a da indústria, do Estado, e da arte.

A estas graves palavras de tão abalizado² filósofo juntemos, que a religião é indispensável à sociedade, que ela contém todos os elementos da civilização, que é a fonte da filosofia, a base da moral, a origem do entusiasmo, e a criadora das artes.

Considerar a religião somente como um jugo moral, destinado a conter o ímpeto de violentas paixões de alguns homens, a quem não mostrara ainda a ilustração seus deveres sociais, é sem dúvida algum grau de importância conceder-lhe, e assinar-lhe a necessidade de sua existência como um meio político nas sociedades; mas é também despojá-la de seus mais belos atributos, de sua divina origem

² *Introduction à l'Histoire de la Philosophie*, pag. 21 Ire leçon. 1828.

desconhecer a natureza, a órbita estreitar de sua missão augusta, aviltar³ o mais sublime sentimento do gênero humano; é, enfim, desnaturalizar tudo.

Não é por um pacto de conveniência que os homens da natureza, os filhos dos desertos humildes se prostram diante do sol, da lua e do mar, ou de outro qualquer simulacro⁴, que eles seu Deus reputam⁵; nem é por amor de um punhado de homens degenerados, afeitos ao crime e arrastados pela torrente das paixões, que os povos esclarecidos pelo sol da civilização, desde o berço da humanidade, até os nossos dias, cultos consagram à divindade em seu nome erguendo tantos Templos suntuosos⁶, tantas cidades, tantos abrigos para infelizes, tantos hospitais para enfermos, e isto a custa de tantos sacrifícios.

Não; o sentimento religioso é mais profundo, mais humano, mais produtivo mesmo do que muitos pretendem; e se sua linguagem é misteriosa, é que este sentimento é um mistério em si mesmo, é que ele é eminentemente⁷ humano, e mais que todos os outros sentimentos, e o mistério é o fundo do homem. Tudo que se passa no interior de nossa alma, diz *Benjamin Constant*³, é inexplicável; e se vós exigis sempre demonstrações matemáticas, só negações obtereis. Se o sentimento religioso é uma loucura, por que a prova não o acompanha, loucura será o entusiasmo, fraqueza a simpatia, e o sacrifício um ato insensato.

E vós homens da ciência, vós, que pretendeis tudo explicar com sistemas, conheceis vós a substância do universo, e a que vos constitui? Disseca o fisiologista o corpo humano e crê explicá-lo; mas que tempo devolveu-se, antes que o discípulo de Fabricius d'Aquapendente⁸ descobrisse a circulação! Entretanto ela se operava

³ De *La Religion considérée dans sa Source, ses Formes et ses Développemens*; t. I, p. 25, édit. de 1830.

em todos os corpos. Rir-se-ia o egípcio do tempo de Chéops⁹, ou talvez maravilha dos Deuses julgasse, se ouvisse dizer, que uma de suas pirâmides, que passante de vinte anos de trabalho custara, segundo nos refere Herodoto¹⁰, se podia erguer em um dia; entretanto o cálculo dos economistas demonstra a possibilidade!

Mistérios há que debalde tenda o homem descortinar. Mau grado seu está ele sempre circunscrito. Eis por que Pitágoras¹¹ recusava modesto o chamar-se sábio, o nome de filósofo melhor lhe convinha, por quanto ele, como todos, não possuía a verdade, porém sim a procurava.

Só Deus é sábio, por que só para Ele não há mistérios.

Há uma ordem de homens, que dizem: queremos saber tudo, não queremos mistérios. Então, excitados pela curiosidade, sustentados pelo orgulho, entregam-se a todas as fadigas da inteligência, e vão convertendo em verdades eternas todas as hipóteses de sua fantasia; e vaidosos de sua própria obra, enamorados dela como Pigmalião¹² de sua estátua, eles pretendem impor suas ilusões como leis universais. Outras vezes, se eles chegam a descobrir alguma verdade através das trevas do mistério que a encobriam, sua curiosidade se acalma, e ao transporte do momentâneo prazer do descobrimento sucede a indiferença; dizem então: era uma coisa bem simples, bem natural, nem sabemos por que os homens não a tinham já descoberto. E quanto mais esta verdade se populariza, quanto mais se despe ela do mistério, tanto mais seus encantos perde, e seu valor; e isto caracteriza a progressividade do gênero humano, que jamais se farta com o que possui. Por que não damos nós valor ao ar? E por tanto é ele indispensável a vida. E por que não o procuramos, e ele por toda a parte nos cerca. Se para nós como o ar fosse a verdade, se ela como o sol do estio¹³ radiante se nos antolhasse¹⁴, sem prazer a veríamos,

e nenhuma importância lhe déramos. Este mesmo astro, que nos aclara todos os dias, este astro benfazejo¹⁵, que vivifica todos os seres animados, como nos fatiga ele quando se patenteia com toda sua magnificência luminosa! E como nos faz palpitar de prazer o coração quando através dos nevoeiros do inverno, parco de luz, a furto por um momento brilha, iludindo nossa esperança, excitando nosso desejo! Assim é a verdade em todas as coisas! Semelhante à beleza, se difícil, nós a amamos; se fácil, a desdenhamos. Homens, se quereis amar sempre, não destruais o pudor, que é o mistério da beleza. Filósofos, se quereis que a religião profícua¹⁶ seja, vede como tocais em seus mistérios.

O mistério não é uma palavra vã filha do engano e que um dia desaparecerá; o mistério é a forma da verdade; e como impossível é, por mais que as gerações se sucedam, que o homem atinja a última verdade, por impossível que ele se eleve em sabedoria ao ser supremo, o mistério existirá sempre.

Alguns homens, dos que pretendem tudo saber, não querendo manifestar sua fraqueza, em coisas superiores à humana inteligência, negam tudo, meio fácil para mascarar a ignorância, e cuidam ter achado a verdade. Deus é um fantasma para eles, uma criação de espíritos fracos; a alma humana uma matéria mais sutil; a religião um jugo moral, uma serva da tirania; a moral um puro interesse; e tendo desta arte destruído todas as ideias do santo do justo, eles repousam no seu erro; como o viajante que desprezando a sombra da árvore copada, arma pequena barraca, onde se abriga, mas o vento da noite a derruba, e exposto o deixa à intempérie do ar; enquanto aqueles, que adormeceram à sombra da árvore, vêm raiara aurora sem sofrimento. Felizmente o materialismo não é a filosofia da humanidade. E aqueles que parecem professar tal doutrina, em tantas contradições disparam, a tais tergiversações¹⁷ recorrem, que

enfim deles dizer-se pode, ou que a si mesmo se não compreendem, ou que ostentam uma linguagem que sua razão não sanciona; e a ideia necessária de um ser eterno se manifesta sempre debaixo de diversos nomes.

Aqueles que à religião só o poder acordam de refrear a perversidade, bem poderiam, mais latitude dando ao seu paradoxo, e por ventura mais concludentes sendo com seus princípios, tal virtude negar-lhe, que mais é a religião consoladora, que refreadora; mais tende a animar as boas ações, que a punir as ruins; e mais influi sobre um coração dócil, que sobre um impetuoso; semelhante a uma árvore peregrina, ela só dá frutos saborosos em terreno próprio e debaixo de um céu propício. A religião é um sentimento nobre de moralidade, de admiração e de reconhecimento, incompatível com os desmanchos daqueles que ou para o crime nasceram, ou nele se afizeram, por que todo o homem nasce, trazendo em seu coração o gérmen do bem ou do mal, que depois os anos desenvolvem, e seja qual for este desenvolvimento, escrito se acha com caracteres indeléveis¹⁸ sobre o seu rosto, como arreigado¹⁹ em seu coração.

Um dos caracteres distintivos da ignorância e da maldade é o não prever o futuro, e só temer o presente, menos perigoso às vezes que suas consequências. Nunca o assassino suspendeu o punhal preste a embeber-se no sangue de sua vítima, amedrontado pelo fantasma do remorso ou pela ideia da justiça humana, a que ele cuida sempre escapar. As hordas²⁰ de salteadores, que infestam as estradas da Itália, mais temem o aspecto de um destacamento militar, que as persegue, que todo o horror do inferno e os raios impotentes do Vaticano. Em nenhuma parte do mundo impediu a religião que Neros²¹ e Calígulas²² fossem tiranos porém, mais do que isso tem ela feito; ela, e só ela tem inspirado grandes coisas, nutrido grandes virtudes, e armado os povos contra seus opressores.

Mas tão absurdo fora o concluir, que atenta à impossibilidade de elevar uma barreira invencível a excessos tais, é ela inútil, como o avançar ser esse o seu único fim. Um exemplo manifestará melhor o nosso pensamento. As leis positivas, modeladas pela ideia da justiça universal, cujo sentimento em nós achamos, tem por destino a manutenção do Estado, o qual é a realização da ideia do justo. As leis não podem manter o Estado senão debaixo de três condições: ou sustentando o bem, por meio da recompensa; ou impedindo o mal pelo temor e exemplo; ou, enfim, tornando o mal em bem pela correção e castigo; disto surte a harmonia social. Se, porém, em lugar de dizermos que o fim das leis é a manutenção do Estado, designarmos como único fim uma das três condições, por exemplo (tomemos aquela que mais ordinariamente se apresenta como fim), o converter o mal em bem, isto é, punir o culpado, para que ele seu crime não reitere, tornando-se desta arte melhor, segue-se que os ouros nem de prêmio, nem de exemplo necessitam, e que para eles inúteis são as leis; e sendo elas repelidas vezes infrutíferas a respeito do terceiro, segue-se ainda que sua missão nesta parte sendo também limitada, podia sem leis existir o Estado, confiando-se à vingança individual a punição do culpado, não equivalendo ao fim obtido a soma de meios empregados. Chegados a este ponto, patente, pelo absurdo da conclusão, a falsidade dos princípios que a continham, vendo nós tantos fatos, que a história de todos os povos nos recorda, já morrer no desânimo, falto de recompensa quem grandes obras fizera e pudera ser ainda útil à humanidade; já pelo mau exemplo desregrar-se aquele que sem isto sempre se conservara na estrada da virtude; já pela impunidade adquirir o vício novas forças e precipitar-se em novos crimes, e destruída enfim toda harmonia social quem não se revoltará contra tais princípios, únicas causas de tal consequência? Ora menos absurda não é a

consequência depreendida do princípio estabelecido como verdade entre alguns homens, que o único fim da religião é conter o império das paixões, e que ela inútil é ao virtuoso e ao filósofo. Todas as nossas ações se reduzem a raciocínios práticos, se falsos são os princípios maus são os resultados. Não; vós vos enganais; outro é o fim da religião, outra é sua origem, outros são os frutos que de seu seio tira e com os homens reparte.

A religião, considerada em relação ao seu objeto é destinada a representar de uma maneira mais clara e distinta a ideia de Deus; como tal é ela. Um elemento necessário e fundamental da sociabilidade é a filosofia do povo e a moral de todo o mundo. Se o homem tem direitos, o que nos parece inegável apesar das teorias dos panteístas e céticos, tem também deveres; e o primeiro é para com seu Deus. E com Kant pensamos, que *a religião é o complemento de todos os deveres, considerados como prescritos pela divindade*. Mas se nos perguntam: quem guiará o homem no cumprimento de tais deveres, e se por ventura ele não pôde enganar-se? Responderemos que basta que o homem leve suas ações ao tribunal de sua consciência, e que se aí se desliza o engano, se ela tomar o injusto pelo justo, outro guia será ainda mais susceptível ao erro.

Os que contra a religião pleiteiam, procuram primeiro de a desligar da moral, cuidando deste jeito aniquilar o seu fim, e provar por conseguinte sua inutilidade; e não vêm eles que nada mais fazem que enfraquecer a moral sem destruir a religião. Pretender separar a moral da religião é pretender dar-lhe outra base, e outra base, qualquer que ela seja, não sendo a ideia do dever em si, emanada de Deus como fonte de todas as ideias eternas, independentes da humana vontade é falsa, arbitrária, incapaz de excitar em nós nenhum entusiasmo e impotente para manter o equilíbrio social. O

homem procura em todas as coisas o invariável, o absoluto e não se farta enquanto não o acha. Nisto se apoia ele como base de suas ações; se, porém, ao absoluto sucede o relativo, se o sentimento externo e variável sucede ao sentimento interno e invariável, que fanal²³ seguro poderá indicar ao homem a verdade?

Não podemos crer que a moral do interesse tenha um futuro, apesar de parecer hoje assenhorear-se do mundo: se ela tivesse sido a crença do gênero humano, certo, não teria produzido tantos milagres de gênio, tantas gentilezas de armas, tantos prodígios de virtude, superiores às humanas fraquezas. Estudemos a história da humanidade; tudo que ela de mais extraordinário e sublime nos mostra, se não é inteiramente produzido por uma ideia religiosa, ao menos com ela se mescla.

O Oriente, berço da humanidade e da civilização, é também um vasto templo consagrado aos mistérios da religião. Tudo aí existe debaixo da forma religiosa. No Egito, religião, filosofia e poesia é uma e a mesma coisa. Legislação, astronomia, agricultura e as boas artes da religião dimanam²⁴, e a ela se referem. Ao espírito Grego estava reservado o separar os elementos aglomerados, condição necessária de todo o desenvolvimento e progresso. Separados os elementos, nem por isso se tornaram independentes. As primeiras escolas filosóficas da Grécia filhas eram da religião. Dos sacerdotes egípcios transportou Pitágoras para a Grécia a ciência e os costumes, e até o uso da exclusão de certos alimentos, como carnes e favas, que, segundo o dizer de Heródoto, os padres nem sua vista suportar podiam, considerando-as como um legume impuro. Toda religiosa é a poesia grega, Homero²⁵, Hesíodo²⁶, Píndaro²⁷ não cantam senão os deuses imortais e os heróis por eles protegidos, e que à sua fileira se alçavam, recebendo em seus cantos as honras da endeução. As artes servem primeiramente aos deuses, que aos homens; enquanto

que a arquitetura eleva os mais belos monumentos à uma religião antropomórfica²⁸, a escultura, inspiração nimamente religiosa, toca ao seu mais alto ponto de perfeição, materializando os deuses e endeusando os homens.

Era ainda pelos deuses que combatiam os gregos. Menos supersticiosa, porém não menos religiosa, a Grécia apresenta um quadro completo de civilização dimanada da religião, onde ela ocupa o primeiro lugar e nela tudo se convergindo como no centro de todo o movimento. Se da pátria de Homero nos transportamos à Roma, outro tanto dizer podemos. Ninguém ignora como os Romanos religiosos eram, tocando mesmo à superstição; apesar disto Roma era a soberana da terra. Que grande homem hoje, que conspirador veria seu ânimo abatido, desarmada sua coragem só por ouvir o canto de uma gralha? Quando perdeu Roma sua fé, quando o amor dos deuses, substituído pelo do luxo, deixou de vigorar os espíritos dos filhos dos Catoens²⁹ e dos Brutos, perdeu ela sua soberania, e converteu-se em humilde escrava dos tiranos, até que expirou com eles. Que vemos nós ainda na civilização moderna, desta civilização que se estende por toda a Europa, lugar de seu nascimento? Desta civilização que descobriu e iluminou o novo mundo, e quase propaga pela Ásia e África? De onde saiu ela? Quem a produziu? Quem a guiou até os nossos dias, sempre crescente, e mais rica e florescente que nenhuma antes dela? O cristianismo, somente o cristianismo é o fundamento da civilização moderna; foi ele quem salvou os restos da antiga; dele saiu a filosofia, o Estado, a moral, moral sem exemplo, a indústria, as artes e a poesia; em torno do cristianismo se colocam os mais sublimes gênios de que se enobrece a humanidade; os Agostinhos³⁰, Newton³¹, Leibnitz³², Dante³³, Carlos Magno³⁴, Tasso³⁵, Michelangelo³⁶, Rafael³⁷, Bossuet³⁸, e Fenelon³⁹ inspirados foram pelo cristianismo.

Todas essas lutas da idade média, essas guerras religiosas, essas cruzadas, essas invasões dos poderes entre si, dos nobres contra os reis, destes contra os nobres, de ambos contra o povo, e deste contra ambos, todas essas coisas grandes meios de civilização foram de que ganhou a humanidade. A guerra outra coisa não é mais que a luta das ideias debaixo de uma forma material, representadas pela força; e grandes mudanças não se operam sem luta; a guerra é o último grande meio, de que lança mão o espírito, é a razão última. E essas guerras do cristianismo, contra as quais tanto se tem declamado, mais úteis, mais profícuas foram ao progresso da civilização, que todas as declamações contra elas expendidas.

Vimos na história da civilização a importante parte que tem representado a religião. Transpomos rapidamente os séculos, e de uma maneira geral traçamos um quadro, que qualquer, posto que pouco lido, poderá terminar; além de que o objeto é por si mesmo tão saliente, tão verdadeiro, que longa demonstração dispensa; sendo assaz o que dito havemos para o nosso fim. Mas segundo as ideias variam os séculos. Uma ideia destinada a ter em tal época seu desenvolvimento, embarga o das outras. Assim vemos que, posto que entre si as ciências se sustentem e uma das outras dependam como ramos de um mesmo tronco, com tudo um mesmo homem não pode chegar à perfeição de uma ciência sem ser à custa, e com sacrifício das outras. A religião teve também seus séculos de desenvolvimento, e esses foram sempre os primeiros de cada povo, que pela teocracia⁴⁰ começam os povos. Mas, por uma particularidade, que lhe é própria, e só a ela compete, seu desenvolvimento não é incompatível com os dos outros elementos, ao contrário, os supõe, os contém e os aglomera na sua própria vida; porquanto é ele o elemento primitivo, e por assim dizer, o núcleo da civilização. O contrário, porém, acontece com o desenvolvimento dos

outros elementos. É assim que a vida de uma mãe não se consume para si só, e se consagra à vida de seus próprios filhos, enquanto que o desenvolvimento de cada um destes se opera independentemente dos outros, até que um dia de sua própria mãe se separam. Não é arbitrária esta comparação, é a explicação mesmo do fato.

Há uma ideia predominante e uma filiação na ordem moral, no mundo das ideias como no mundo físico; causas e efeitos fazem os anéis da cadeia de tudo que conhecemos, e a priori⁴¹, ou a posteriori⁴² descobrimos uma pela outra.

Nós vimos as épocas do domínio do princípio religioso; no Egito, na Grécia, em Roma, na idade média o achamos, contendo e explicando todos os outros; vejamos agora em que época do mundo pareceu ter ele desaparecido, e qual o aspecto dessa época. Primeiramente nenhum século há completamente irreligioso, a diferença é de mais ou menos. Se na história da humanidade um só século se apresentasse completamente irreligioso, isto bastará para provar, que este elemento lhe era extrínseco; mas é o que se não observa.

Se a ideia destinada a desenvolver-se não é contrária e oposta à precedente, ela não exclui a outra, e a seu lado marcha, conquistando o tempo e o espaço necessários ao seu argumento. Assim, se um princípio que dominara começa a decair e a perder sua influência, até quase ao ponto de perecer, a razão deste fato procurar devemos na nova ideia dominante. Agora indaguemos em que época, em que parte do mundo conhecido, pareceu o elemento religioso deixar de influir, que ideia o substitui e que espetáculo essa época apresenta. Com a luz da história difícil não nos é marcar essa época, e para não irmos muito longe de nós, para podermos ver e tocar um quadro, ou assim dizer, ainda semivivo e palpitante, lancemos os olhos sobre a França no século XVIII.

Qual é o homem um tanto lido que não conheça o espírito desse século representado pelos filósofos enciclopedistas⁴³? É o século do movimento filosófico, assim o chamam; mas sua filosofia outra coisa não é senão a promulgação categórica e dogmática da teoria da sensação, como a única expressão da verdade e a derradeira da filosofia, ante a qual tudo devia calar-se, além da qual não podia ir a inteligência; a seu lado vem a moral do interesse como consequência necessária de tal princípio; uma exclusão completa, uma guerra de morte ao cristianismo⁴⁴ e a todas as ideias religiosas, enfim fora do sensualismo e do egoísmo nenhuma verdade havia para eles; todas as armas são empregadas e a falta de razões supre o ridículo. Não podemos deixar de citar estas palavras de M. Chateaubriand⁴⁵: Eram os enciclopedistas os homens mais intolerantes, e por isso é que os não posso sofrer. Eu os tenho como hipócritas da liberdade, como falsos apóstolos da filosofia, que tomam o humor de sua vaidade ferida por um sentimento de independência, seus ruins costumes por uma volta ao direito natural, e seu furor irreligioso pela sabedoria. Não foram suas doutrinas que produziram a parte boa do fundo de nossa revolução; nesta revolução só lhes devemos a mortandade dos padres, as deportações para Guiana e os cadafalsos⁴⁶. Mas prossigamos a revista os principais atores deste drama. Voltaire⁴⁷, esta extravagante e extraordinária mistura de gênio e de ridículo, o autor de Zaíra, é também o autor da Pucelle! Ele combateu com todas as armas o cristianismo, que lhe inspirara suas obras-primas, e lhe assegurara um lugar de honra entre Corneille⁴⁸ e Racine⁴⁹. Holbach⁵⁰ apresenta o seu tão célebre *Sistema da Natureza* em que chega a avançar o ateísmo e a possibilidade de uma sociedade de ateus. Helvetius⁵¹ funda a moral no interesse individual; e ao mesmo Voltaire tão estranha pareceu esta obra, que assim dela se explica: dir-se-á que o autor quer que se não seja governado nem por Deus,

nem pelos homens, e mais diante a moral é gravemente ferida no livro de Helvetius. Volney compõe o catecismo da *Religião Natural*, que ele pretende impor ao homem social! Um grande número de autores subalternos mais ou menos nomeados enchem as fileiras dos combatentes contra a religião. O combate está decidido; todos pensam em filosofia como Condillac⁵², em moral como Helvetius, em religião como Volney, e Holbach. Quais são as consequências desta trina aliança? Que penhor dá ela, para ousar pedir tempo e espaço para seu progresso. Que espetáculo apresenta tal século? Com a história diante dos olhos, esse depoimento dos povos, a todas essas questões, fácil nos fora o responder, mas preferimos dar a palavra a um erudito filósofo, nascido nesse mesmo século, e que ao nosso pertence, a um observador profundo, cujo nome, adquirido em longo estudo, é uma segurança para a verdade.

M. Cousin, falando sobre a filosofia do século XVIII assim se exprime: Qual poderá ser o governo de uma tal época? Não será certamente um governo livre, fundado sobre o conhecimento e o respeito dos direitos da humanidade, por que como poderiam ser tais direitos presumidos, reivindicados e conquistados? A filosofia da sensação e do egoísmo devia ser contemporânea de uma ordem social sem dignidade, de um governo absoluto, porém, por si mesmo caindo de fraqueza e de corrupção. Implica que então pudesse qualquer império ter tido sobre as almas a religião, porquanto toda a religião, qualquer que ela seja, outra doutrina inculca, e não o predomínio dos sentidos, e do prazer. As artes e a poesia, pequenas mesquinhas, deviam ser de necessidade, por que implicaria ainda que grande fosse a forma do pensamento e do sentimento, quando carência havia grandeza ao sentimento e ao pensamento.

A este quadro traçado pela mão do filósofo juntamos os versos de um célebre poeta desse século. Gilbert fez a sátira do século XVIII, fiel

retrato cheio de verdade e de expressão, no qual se mostra filósofo, moralista, pintor e poeta. Mas assaz longa é ela para este lugar, e para o ponto e questão basta o seguinte extrato, em cuja tradução mais que tudo tivemos em vista a fidelidade literal.

Cresce um monstro em Paris, e se vigora
Co' o manto ornado da filosofia,
E revestido assim co'um falso nome,
Averdade, e os talentos aniquila.
P' rigoso inovador, co'o impio sistema ,
Do céu quer expulsar o Ente superno,
E que a sorte do corpo alma sofrendo ,
Por dupla morte ao nada o homem chegue.
Mas de aspecto feroz nao é tal monstro,
E, em nome, habita-lhe a virtude os lábios.
Reformador astuto do universo,
Traçou primeiro, do segredo a sombra ,
De seus escriptos propagar, proscrito,
Porém sutil na sua desventura,
Bem depressa co'um cetro a destra armando,
Governando o Parnaso, esse Tirano
Das boas Artes, dos mortais Deus novo,
Aras roubou aos difamados Deuses;
E quando n'essa idolatria a França,
Qu'elle corrompe, a barbaria toca,
Fiel o monstro a nos gabar seus erros,
Sobre nossa desonra até cegou-nos (1).

(1) A grande dificuldade de traduzir versos franceses em português em matéria sobre tudo, que requer rigorosa fidelidade, força-nos a dar o original deste extrato, para aqueles que a língua conhecem,

talvez não possam obter um exemplar das obras de Gilbert, entre nós pouco nomeado.

Un monstre dans Paris, croit et se fortifie
Qui, pare du manteau de la philosophie,
Que dis-je ? de son nom faussement revêtu ,
Etouffe les talens et détruit la vertu :
Dangereux novateur, par son cruel système,
Il veut du ciel chasser l'Être Suprême ;
Et du corps expire l'ame éprouvant le sort ,
L'homme arrive au néant par une double mort.
Ce monstre toutefois n'a point un air farouche ,
Et le nom de vertu est toujours dans sa bouche.
D'abord, de l'univers réformateur discret,
Il semait ses écrits , à l'ombre du secret,
Errant , proscrit partout , mais souple en sa disgrâce ;
Bientôt, le sceptre en main, gouvernant le Parnasse,
Le tyran des beaux arts, nouveau Dieu des mortels,
De leurs dieux diffamés usurpa les autels,

É o mesmo objeto tratado poeticamente. Mas este sistema filosófico, representado como um monstro, que invade o céu e a terra, que pretende destruir Deus, e a religião, que aniquila a virtude, o talento, a poesia e as artes, é a verdade do quadro traçado pelo filósofo; e nós, a par do outro, o apresentamos para mais cabal testemunho darmos, que toda a ideia que se opõe de frente à religião, de rastro leva a moral, a poesia e as artes, e que a moral do egoísmo é uma árvore nociva, só destinada a dar amargos frutos à humanidade.

Outra coisa podemos ainda fazer, transportemos esta trindade filosófica, moral e religiosa a outro país, e procuremos seus resultados. É pelo método experimental que devemos marchar nas coisas humanas. Desta vez não iremos a países estrangeiros; queremos apresentar um quadro vivo, e que ante os olhos esteja de todos os nossos leitores. Eis aí o Brasil. Olhai e examinai-o bem, estudai o seu caráter, e vede sua ideia dominante. É pelo Brasil e só para o Brasil que escrevemos, melhor que nenhum outro país o conhecemos, estranho não parecerá decerto, que observemos o que nele se passa. O Brasil colocado em outro hemisfério, em outro continente por muito tempo fora do contato da civilização europeia, tendo que trilhar a estrada, que a nova civilização lhe marca, de nenhum modo pode ter por presente, o presente da Europa, centro hoje da civilização. Impelido mais tarde ao movimento, necessitou de molas que o ativassem, lentamente devia tocar os diferentes graus, que a civilização europeia, em sua marcha, após se deixará; seu presente é, pois, o passado do centro ilustrado na Europa. Ora como os elementos de uma época, segundo vimos, estão sempre em harmonia, indiferente nos seria começar a análise por este, ou por aquele, para chegarmos ao resultado; seguindo, porém, a ordem que a questão demanda, tomemos a moral, base do Estado.

Ninguém dirá certamente, que aí domina a moral do dever, a moral religiosa. A moral livre é a única que aí se conhece, a moral do interesse, tal como ensinará Helvetius, é a única praticada. O Tratado de Legislação de Bentham⁵³ é o código dos legisladores. A filosofia ensinada nas escolas à mocidade é a das sensações; a teoria de Condillac, de Cabanis, e de Tracy, teoria que em rigorosa consequência no materialismo⁵⁴ depara, é a geralmente conhecida, e abraçada como um dogma⁵⁵, como uma verdade incontestável, enfim como a última expressão da filosofia. Vejamos agora a qual é a força

moral de seu governo; qual o estado da indústria, das artes, da poesia e da literatura. O filósofo, que citamos, podia livremente falar de um século, que não era o seu, de um século, que morrera, de um século cujas personalidades e paixões ele não receava estimular. Mas nós, face a face colocados com o século em questão, cercados de tantas individualidades, de tantas paixões, ser-nos-á relevado por ventura, explicar-nos com a mesma liberdade e franqueza, com a mesma calma de espírito, e sossego de coração? Ser-nos-á lícito afrontar todas as susceptibilidades, e poderemos levar até as últimas consequências a análise filosófica dos princípios da moral antirreligiosa? Difícil é, sem dúvida, para o escritor consciencioso uma tal posição; de um lado teme de faltar à verdade, do outro receia molestar as susceptibilidades; mas eis que uma lembrança nos surge, e desta contingência nos tira.

Um homem, que entre nós goza de uma reputação colossal pela vastidão de seus talentos, um homem, que se elevara aos mais eminentes lugares da nação, dirigindo mesmo por algum tempo seus destinos, um homem em suma filho do XVIII século, e que professa sua doutrina, disse no recinto da câmara dos deputados, que o Brasil só fazia progresso na imoralidade. Sua voz teve eco, e o sentimento da aprovação foi manifestado. Terrível proposição! Será a expressão dos fatos ou da acrimônia de sua bÍlis? Como, porém, nas coisas humanas toda a proposição exclusiva claudica, se muito se generaliza, salvas as exceções desta, uma força superior à nossa vontade nos obriga a abraçá-la como certa. Por ventura tem aí o governo convicção de sua força? E os cidadãos a certeza da segurança de seus direitos? O que indica a contínua reforma das leis, que só tende a enfraquecê-las, como definham os arbustos mil vezes transplantados? O amor da pátria, frase tão repetida, e que se torna vazia de sentido, é aí por ventura capaz de nobres sacrifícios? Que

caráter elevado, independente e justo mostram os magistrados e funcionários públicos, objetos de contínuos clamores, e das inventivas dos jornalistas? E que energia em fim revela esta mocidade enervada pelas doutrinas do prazer, que se farta com uma falsa aparência de ciência, e que ajuíza, crítica, e decide das coisas mais sublimes com a mesma petulância, e ostentação de um charlatão público das ruas de Paris? Mas para que numerar fatos? Não é isto o que todo mundo vê? Não se queixam os homens sensatos desta sede insaciável de dominar, que faz com que o mérito de envolta com a torrente da ignorância, que de todos os lados de desaba, em redemoinho desaparece? E tais atos podem acaso ser consequência da ideia dos justos, e do dever prescritos pela divindade?

Se é certo, como cremos, que nossas ações revelam nossos pensamentos, se não obramos senão em consequência de uma ideia, de que o ato é a realização, por quanto não se dá efeito sem causa, onde acharemos a causa do que vemos? A causa está só nas falsas ideias, que entre nós lavraram. E note-se que as ideias, e só as ideias podem moralizar, ou desmoralizar os povos; são as ideias de uma incompleta teoria filosófica, mal interpretada, que opondo-se à sanção religiosa e à moral do dever destroem todos os sentimentos nobres de virtude: ora quando estas três potências, que são as grandes vísceras do Estado, sofrem, impossível é que o contágio não se propague.

Mas a bem da verdade digamos, que do mesmo modo que o homem vive por algum tempo com um pulmão ulcerado, ou com um aneurisma no coração, até que a moléstia toque a seu último período, o Estado ferido gravemente nas suas partes mais sensíveis resiste ao gravame do mal, e moribundo se arrasta, até que uma nova força o regenere. Graças à providência, o resto de vida, que se concentra em

alguns homens, é às vezes bastante para aniquilar os terríveis efeitos do contágio.

Mas três objeções podem opor-nos os discípulos de Hobbes⁵⁶, e de Helvetius: 1º Que nós exageramos os fatos. 2º Que tais consequências não são filhas dos seus princípios. 3º Que a vida é pura, e nobre procedimento de um grande número de filósofos, que tais doutrinas pregaram, dão cabal testemunho, que incompatível não é com a virtude o egoísmo.

Quanto à primeira objeção toda de fato, apelamos para a observação, e consciência de todos. Vejamos a segunda. Enquanto que a moral do dever nos obriga a obrar desta, ou daquela maneira independente de todos os cálculos de felicidade, a moral do egoísmo nos aconselha, e nos constitui juizes de nossas ações, dando-nos como regra o interesse e a felicidade por fim; desde logo a ideia do justo desaparece, e a mais heroica virtude passa a ser um interesse, consequência a que atrevidamente chegou Bentham, desde logo, o prazer e a dor se levantam, para designar-nos o bem e o mal. Nada é mais lisonjeiro que semelhante princípio; nada, porém, nos arrasta a consequências mais absurdas. Prescindindo da ideia do dever, adaptando o interesse por guia, muitas vezes hesitamos ao que devemos dar a preferência, procurando o que nos trará maior soma de felicidade; e como só o resultado pode decidir, nada será mais variável que a moral. De rigor, procurando todo o homem justificar suas ações, folga quando neste gênero de moral acha um princípio, em que se apoie. Como a virtude no egoísmo não consiste na submissão do indivíduo a uma ideia, que se apresenta com o caráter de lei absoluta, prescrevendo, às vezes a abnegação de si mesmo, mas sim na maior soma de prazer, fácil lhe é o ser virtuoso; e apelando para à natural disposição de sua organização, fica livre ao salteador o roubar, por que daí lhe surte um prazer, e a satisfação de

sua alma corrupta; ao governo é dado o aspirar a tirania⁵⁷, ao empregado público à lapidação do Estado: fica o campo aberto a todas as ambições; a mocidade licenciada entoa com Anacreonte⁵⁸ o cântico de amor; lança um anátema⁵⁹ sobre as leis sociais, e invoca em apoio de suas voluptuosas torpezas as leis da sua organização, que ela denomina leis da natureza. Clamam as mulheres contra a tirania dos homens, e dizem: quem vos deu o direito de restringir nossa liberdade? Por ventura não fazemos parte da humanidade, e nossa vida deve ser um contínuo sacrifício ao vosso prazer? Não teremos a iniciativa na escolha da nossa felicidade? Tais são as consequências imediatas da moral do interesse. Mas direis vós: o interesse deve ser bem entendido, e assim é que o concebemos. – Bem, e qual será o guia na boa inteligência do interesse? Será o prazer? E porventura cifram todos o prazer em um mesmo objeto? – O que para um é prazer, é para outros uma dor. Devemos porventura determinarmo-nos sempre para tal, ou tal ação, tanto que ela se nos antolhe como podendo dar-nos algum prazer?

E se vós nos dizeis, que tal ato posto que nos pareça trazer-nos a felicidade e causar-nos prazer, nós nos enganamos, e que por tanto não o devemos praticar; responderemos com a filosofia da sensação, que sendo a pedra de toque do prazer o nosso próprio sentimento, a ele devemos recorrer, e por ele guiar-nos, e não pelo vosso; do outro lado jamais podereis provar ao incestuoso, por exemplo, que ele não deve sentir prazer no crime, por que dele não lhe surte interesse; e que portanto se deixe guiar por vós na escolha de suas ações; se o fizerdes, vós anulais o guia, que primeiro lhe haveis dado, impondo-lhes uma lei fora de sua organização, independente de sua vontade, e lhe prescreveis um dever, e imediatamente aberrais dos vossos princípios, e cai vosso sistema. De duas, uma; ou o prazer é o nosso único guia, ou não é; se é, tomai como consequências legítimas da

vossa teoria o que acima apontamos; se não é, então é falso vosso sistema.

Resta a terceira objeção, que nada prova em vosso favor. A vida dos sofistas⁶⁰ não marcha de harmonia com suas ideias. Além de que todos os homens não são assim instruídos, para poderem-se determinar por este móvel tão variável, tão sujeito a degenerar-se, e oporem na maior parte dos casos uma resistência às suas inclinações. Tais sofistas assemelham-se aos dançarinos de corda, que, por que bem nela se equilibram, assentam que todos devem imitá-los; ou aos fortes nadadores, que podendo por um longo hábito existir debaixo das ondas, julgassem que por isso são os homens animais aquáticos. Os discípulos seguem sempre a doutrina dos mestres e raras vezes o seu exemplo. Foi Epicuro⁶¹ na Grécia o representante desta filosofia, que Hobbes, Gassendi⁶², Shaftsbury, Helvetius, e Bentham desenvolveram. Segundo Diogenes de Laercio⁶³, sua virtude foi marcada com ilustres caracteres; ele sofria as dores, e as privações com a coragem de um estóico⁶⁴; e portanto o que são de sua escolha? Seus discípulos longe de imitarem a vida do mestre, interpretaram à letra suas máximas, e com o nome de epicurista⁶⁵ se designa o homem entregue à devassidão. Posto que as palavras tenham um valor representativo, e devam ser interpretadas, contudo assim não acontece no trato geral; e o povo lhes dá sempre um valor real, e as identifica com as ideias, a que ele se acostumara vê-las ligadas. Por isso imponentemente se não pode alterar sua significação; e os filósofos que fundam uma teoria sobre palavras, que já tem uma determinada aceção, dando-lhes um sentido diferente, correm o risco de não serem entendidos, e de verem de seus princípios sair perniciosas consequências.

Resumiremos este artigo, dizendo, que a religião é um dos mais fortes elementos da sociabilidade, que a moral do interesse não é

moral, que a ela devemos todos os males com que lutamos, que com ela toda política é má, que com ela jamais poderemos engrandecer-nos. O interesse avilta todas as ideias, e repudia todos os grandes sentimentos. Convém que o governo ao menos uma vez lance os olhos sobre a mocidade, que faça ensinar nas escolas uma moral pura, uma filosofia sã, e nutra o sentimento do amor divino. Nós não podemos temer o fanatismo religioso, ao contrário, tudo sofreremos do estado atual; e quando o governo não considerasse os meios indicados senão como outras tantas ideias peçadas de cruéis consequências, ainda assim por um conselho da política devia lançar mãos deles, para destruir o mal existente, como o prático entendido se serve com proveito de um veneno para atalhar o progresso da enfermidade.

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES

¹(1792-1867) filósofo e político francês. Representante mais importante da escola espiritualista eclética e introduziu a filosofia alemã na França.

² Marcado por balizas. Fig. De elevada competência; reconhecimento.

³ Tornar(-se) vil. Submeter(-se) a vexames.

⁴ Imagem, cópia ou reprodução imperfeita. Simulação.

⁵ Dar reputação ou bom nome a. Estimar valor.

⁶ Em que se gasta muito dinheiro; caro; dispendioso. De grande luxo.

⁷ Que se sobressai por sua importância; superior.

⁸ (1537-1619) cirurgião e anatomista italiano que ajudou a fundar a embriologia moderna.

⁹ Uma das pirâmides de Gizé. Quéops, ou Queóps, é considerada a maior e mais pesada obra já construída pelo homem.

¹⁰ (484-420) historiador grego. Suas *Histórias* são fonte de referências sobre as guerras médicas.

¹¹ (570-480) filósofo e matemático grego. Fundador da escola pitagórica.

¹² História lendária contada pelo poeta romano Ovídio.

¹³ Verão.

¹⁴ Limitasse.

- ¹⁵ Que é acolhedor; amigo. Que tem ação favorável, benéfica ou útil.
- ¹⁶ Que produz o resultado, o efeito esperado; eficaz.
- ¹⁷ Hesitação, vacilação.
- ¹⁸ Que não é possível apagar. Que o tempo não destrói. Que não é possível eliminar.
- ¹⁹ Firmar pela raiz; tornar permanente.
- ²⁰ Tribo tártara. Povo nômade. Fig. Bando de pessoas indisciplinadas, de malfeitores.
- ²¹ Relativo a Nero, imperador romano.
- ²² Relativo a Calígula, imperador romano.
- ²³ Facho que se ascende a noite, ao longo das costas, à entrada dos portos, para orientação. Farol. Fig. Guia, luz intelectual.
- ²⁴ Correr serenamente, fluir. Proceder de fonte natural; brotar.
- ²⁵ (VIII a.C. ?) poeta épico grego, considerado o autor da *Ilíada* e da *Odisseia*.
- ²⁶ (VIII a.C. ?) poeta grego.
- ²⁷ (518-438 a.C.) poeta grego.
- ²⁸ Que tem a forma de um corpo humano ou aparência humana.
- ²⁹ Relativo a Catão, político romano. Extremamente conservador.
- ³⁰ Relativo a Santo Agostinho, teólogo e padre da igreja latina.
- ³¹ (1642-1727) cientista inglês.
- ³² (1646-1716) filósofo alemão. A metafísica de Leibniz explica todas as coisas com um otimismo racional, até mesmo Deus.
- ³³ (1265-1321) escritor italiano.
- ³⁴ (742-814) rei dos francos, dos lombardos e imperador do Ocidente.
- ³⁵ (1544-1595) poeta italiano.
- ³⁶ (1475-1464) escultor, pintor, arquiteto e poeta italiano.
- ³⁷ (1483-1520) pintor italiano.
- ³⁸ (1627-1704) escritor e prelado francês.
- ³⁹ (1651-1715) prelado e escritor francês.
- ⁴⁰ Governo exercido por uma casta sacerdotal. O Estado com esta forma de governo.
- ⁴¹ Locução latina que significa "a partir do que é anterior". Por hipótese ou dedução.
- ⁴² Locução latina, com significado de "a partir do que é posterior". Pelas razões que vêm depois; pelas consequências do efeito à causa.

⁴³ São os autores da *Encyclopédie*, ou *dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, par une société de gens de lettres (Enciclopédia ou dicionário racional das ciências, das artes e dos ofícios), mais conhecida como Enciclopédia. Foi editada por Denis Diderot em Paris entre 1751 e 1772, e nela colaboraram escritores como Montesquieu, Voltaire e Jean-Jacques Rousseau.

⁴⁴ Conjunto das religiões organizadas com base em Jesus Cristo e nos escritos que relatam suas palavras e pensamentos.

⁴⁵ (1768-1848) escritor francês, um dos autores que exerceu mais influência na literatura e nos espíritos dos franceses de seu tempo. Marcado pelo subjetivismo, pela emoção e pelo nacionalismo.

⁴⁶ Estrado montado em local aberto para a realização de atos públicos, cerimônias. Estrado ou tablado erguido em lugar público para execução de condenados à morte. Força. Condenação à morte.

⁴⁷ (1694-1778) escritor francês. Expressou suas ideias liberais, racionalistas e anticlericais através de poemas, contos, romances curtos e ensaios históricos.

⁴⁸ (1606-1684) dramaturgo francês. Estreou no teatro com comédias. Evoluiu depois para o uso sistemático do patético e da complexidade das intrigas. Seus heróis tudo sacrificam por honra e glória.

⁴⁹ (1639-1699) poeta e dramaturgo francês. Depois de tentar consolidar suas aspirações literárias com a carreira eclesiástica, dedicou-se ao teatro. Seu teatro retrata a paixão como uma força fatal, que destrói quem a possui.

⁵⁰ (1723-1789) filósofo francês de origem alemã. Materialista, ateu, colaborador da * Enciclopédia, atacou a Igreja e a monarquia de direito divino.

⁵¹ (1715-1771) filósofo francês, um dos colaboradores da *Enciclopédia. Desenvolveu uma filosofia materialista e ateuísta.

⁵² (1714-1780) filósofo francês. Representante principal da filosofia sensualista (*Tratado das sensações*, 1753), atribuiu lugar importante à reflexão sobre a linguagem.

⁵³ (1748-1832) filósofo e jurista inglês. Sua moral utilitária apoia-se no cálculo do prazer em relação. Foi autor de um importante estudo sobre arquitetura de cárceres.

⁵⁴ Doutrina filosófica que considera a matéria como a única realidade possível, com capacidade para explicar os fenômenos naturais, mentais e sociais.

⁵⁵ Ponto fundamental e considerável de uma doutrina religiosa e filosófica.

⁵⁶ (1588-1679) filósofo inglês. Adepto do materialismo mecanicista, ligou toda a realidade à ação dos corpos em movimento. Para Hobbes "*O homem é o lobo do próprio homem*".

⁵⁷ Domínio, poder ou qualidade de tirano. Governo autoritário, que não aceita as liberdades individuais e sobre o qual os governados não exercem controle.

⁵⁸ (séc. VI a.C.) poeta lírico grego. As *Odes* que lhe foram atribuídas celebram o amor e a vida e inspiraram a poesia anacreôntica da Renascença.

⁵⁹ Sentença que excomunga, que expulsa do seio da Igreja. Condenação.

⁶⁰ Relativo a sofisma. Filósofos e sábios da antiga Grécia (séc. Va. C.) que ensinavam filosofia e habilidades retóricas aos seus discípulos.

⁶¹ (341-270a.C.) filósofo grego.

⁶² (1592-1655) filósofo francês. Autor de obras de matemática, acústica e astronomia, crítico de Descartes, buscou conciliar o cristianismo com o atomismo antigo e a moral epicurista.

⁶³ (III d. C.) escritor grego.

⁶⁴ Relativo a estoicismo (Doutrina filosófica que condicionava a felicidade a uma atitude de aceitação impassível diante do prazer, da paixão e da dor. Fig. Firmeza, austeridade)

⁶⁵ Referente a ou seguidor de Epicuro ou do epicurismo. Que ou o que busca os prazeres sensuais ou gastronômicos.

Texto transcrito pela acadêmica Daiane Abati Graeff e anotado pelas alunas Gessica Aparecida Cappoani, Nathalia Ferrarini Vargas, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação das professoras Maria Ieda Almeida Muniz e Heloísa Cristina Rampi Marchioro. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto “Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal”. Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar do segundo volume – entre as páginas 9 e 38 – da *Revista Nitheroy* oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:

Título: Nitheroy : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 02, 1836

Título alternativo: [Niterói : revista brasiliense, ciências, letras e artes]

Local de Publicação: Paris : Dauvin et Fontaine, Libraires

Ano de Publicação: 1836

Descrição Física: p. 1 - 268

Idioma: Português

Patrocínio: Ministério da Cultura - Programa Cultura e Pensamento

Direitos: Domínio público

Assunto:

Economia

Religião

Viagens

Ensaio literário

URI: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512820>

Tipo: Periódico

Conteúdo: SUMÁRIO

- Rapport lu a la 2^a classe de L'Institut Historique, por Eugène de Monglave (p. 5 - 8)
- Filosofia da religião, por D. J. Gonçalves de Magalhães (p. 9 - 38)
- Física industrial: das caldeiras empregadas na fabricação de açúcar, por C. M. D'Azeredo Coutinho (p. 39 - 87)
- Química: da destilação, por A. de S. Lima de Itaparica (p. 88 - 130)
- Educação industrial, por Silvestre Pinheiro-Ferreira (p. 131 - 137)
- Novo sistema de se fabricar açúcar, por C. A. Taunay (p. 138 - 148)
- Comércio do Brasil, por F. S. Torres Homem (p. 149 - 160)
- Contornos de Nápoles, por M. de Araújo Porto-Alegre (p. 161 - 213)
- Estudos sobre a literatura, por J. M. Pereira da Silva (p. 214 - 243)
- Bibliografia (p. 244 - 268)

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO LAROUSSE. ---São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS (2009). Disponível em <<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 27 fev 2014

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Hieronymus Fabricius ab Aquapendente**. Disponível em: <<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/199809/Hieronymus-Fabricius-ab-Aquapendente>> Acesso em: 27 fev 2014

FABER, Marcos Emílio Ekman. **O Movimento Iluminista E Os Enciclopedistas**. Disponível em <<http://www.historialivre.com/hoje/iluminismo.htm>> Acesso em 26 fev 2014.

INFOESCOLA. **Pirâmide de Quéops**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/civilizacao-egipcia/piramide-de-queops/>> Acesso em: 27 fev 2014

INFOESCOLA. **Pigmalião e Galatéia.** Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/mitologia-grega/pigmalião-e-galateia/>>
Acesso em: 27 fev 2014

PRIBERAM DICIONÁRIO. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>
Acesso em: 27 fev 2014